

**2CCHLADELEMMT01****SHAKESPEARE LÊ OS ENSAIOS: A PRESENÇA DO  
PENSAMENTO DE MONTAIGNE EM HAMLET**

Khayles Nobrega Pereira Alves<sup>(1)</sup>, Sandra Amélia Luna Cirne de Azevedo<sup>(3)</sup>.  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Departamento de Letras Estrangeiras  
Modernas/MONITORIA

**RESUMO**

William Shakespeare é considerado um dos maiores gênios da literatura ocidental, mas não se pode conferir a genialidade do bardo sem conhecer as fontes de inspiração para seus personagens, suas histórias e suas idéias. Há indícios numerosos de que ele tenha se valido tanto de escritos clássicos quanto de obras de contemporâneos seus, entre os quais merece destaque Michel de Montaigne. A relação entre a obra de Shakespeare e a de Montaigne, entretanto, ainda não foi suficientemente estudada. A única evidência concreta da influência do ensaísta na obra de Shakespeare é a transcrição quase literal de um trecho do ensaio *Dos Canibais* na peça *A Tempestade*. Contudo, menos óbvias, mas igualmente presentes, encontram-se *idéias* de Montaigne diluídas em outros trabalhos do dramaturgo inglês, tanto nas falas quanto nas ações de seus personagens, ou mesmo no desenvolvimento do enredo. Neste artigo, apontamos para a relação entre o pensamento dos dois autores, dando atenção especial à tragédia *Hamlet*, na qual buscamos identificar e delimitar a influência dos *Ensaios* do pensador francês na obra do poeta elizabetano.

**Palavras-Chave:** Shakespeare, Montaigne, Hamlet

**INTRODUÇÃO**

O Renascimento não foi apenas um movimento artístico, mas um conjunto de mudanças no pensamento e na sociedade da época, que vieram a se refletir nas artes e na literatura. O homem, até o Renascimento, era visto como integrante de uma grande “agremiação”, como um exemplar de sua espécie. Com o mercantilismo marítimo e o surgimento da burguesia, entretanto, o homem se descobre inédito e dinâmico: sua condição social deixa de depender de seu nascimento para depender de sua própria atuação na sociedade, o homem passa a se ver dotado de liberdade para construir seu próprio destino. Descobria-se, assim, o *indivíduo*, figura incapaz de se desenvolver em meio às redes de submissões e imobilização social da Idade Média. O pensamento passa de teocêntrico a antropocêntrico, e as principais qualidades do homem passam a ser a inteligência, o conhecimento e os dons artísticos – em outras palavras, valoriza-se o que os outros animais não têm.

<sup>1)</sup> Bolsista, <sup>(2)</sup> Voluntário/colaborador, <sup>(3)</sup> Orientador/Coordenador <sup>(4)</sup> Prof. colaborador, <sup>(5)</sup> Técnico colaborador.

Embora essa crença valorativa do indivíduo seja a marca por excelência do espírito renascentista, idéias tradicionais como a da extraordinariedade do homem enquanto criatura de Deus perdem crédito com o discurso de escritores como William Shakespeare e Michel de Montaigne. Enquanto a maior parte da sociedade da época louvava a capacidade de raciocínio do homem, colocando-o num patamar superior ao das demais criaturas, engrandecendo-o por sua peculiaridade, esses dois autores não apenas questionaram a visão antropocêntrica vigente como a ela se opuseram, imputando ao homem sua patética posição no universo. A semelhança entre a obra de Montaigne e de Shakespeare, no entanto, não se detém por aí, o que nos leva a perguntarmos sobre as possibilidades e as potencialidades de um estudo relacional entre os dois autores. É justamente sobre uma tentativa de delimitação da influência que Shakespeare recebeu de seu contemporâneo francês que se debruça este artigo: até onde os *Essais* de Montaigne realmente contribuem para a escrita de um dos maiores, se não o maior dos nomes da literatura, mais precisamente em sua grandiosa tragédia *Hamlet*?

Para iniciarmos nossa investigação, devemos partir do levantamento dos dados que têm sido coletados há décadas acerca de ambos, procurando indícios que possam confirmar e explicar como se deu o contato de Shakespeare com o pensamento de um estrangeiro que viveu no mesmo século que ele, e por isso partimos do que se sabe sobre sua vida.

William Shakespeare, nasceu em Stratford-upon-Avon, Inglaterra, em abril de 1564, filho de Mary Arden, filha de um rico fazendeiro, e John Shakespeare, um próspero comerciante de couro e lãs que, por razões desconhecidas, veio a falir, tendo recuperado seus bens apenas ao fim da vida. Pouco se sabe sobre a infância e juventude de Shakespeare, mas acredita-se que aos seis ou sete anos tenha ingressado na escola primária King's New School of Stratford-upon-Avon, onde provavelmente aprendeu latim, que era a primeira língua das escolas elizabetanas, e literatura. Por causa das dificuldades financeiras de seu pai, deixa a escola as treze anos, mas crê-se que continuou seus estudos de algum modo.

Em novembro de 1582, aos 18 anos, Shakespeare casa-se com Anne Hathaway, de 26 anos. Em 1583, nasce sua filha mais velha, Susanna, e em 1585, os gêmeos Judith e Hamnet.

Entre 1585 e 1592, conhecido como “anos perdidos”, há uma lacuna na biografia de Shakespeare. Acredita-se que tenha viajado para visitar diversos teatros e aprimorar suas habilidades dramáticas. O motivo para Shakespeare ter se mudado para Londres neste período é ainda um mistério. Pode ter saído de Stratford como soldado, experiência que lhe teria rendido material para os discursos sobre a guerra que aparecem em suas peças. Entre outras especulações, estão a de que estivesse buscando um meio de sustentar sua família e a de que tenha sido recrutado por alguma companhia de teatro que teria passado por sua cidade.

Também não se sabe ao certo como Shakespeare teria começado sua carreira, mas, em 1592, já era um dramaturgo respeitado e acredita-se que suas peças – entre elas *Titus Andronicus* (*Tito Andrônico*), *Henry VI* (*Henrique VI*) e *The Comedy of Errors* (*A Comédia dos Erros*) – já fossem bastante populares. Com o fechamento dos teatros por causa da peste, contudo, Shakespeare deixa de lado a produção teatral: é neste período que passa a ser

patrocinado pelo Conde de Southampton, publica seus poemas *Venus and Adonis* (*Vênus e Adônis*) e *The Rape of Lucrece* (*O Rapto de Lucrécia*), e escreve cerca de 150 sonetos .

Em 1594, retorna ao teatro como um dos líderes da trupe de Lord Chamberlain, que se tornou a mais popular de Londres e também a que mais se apresentou na corte. Nesse tempo, escreveu *Romeo and Juliet* (*Romeu e Julieta*), *Richard II* (*Ricardo II*), *King John* (*Rei João*) e *Love's Labour's Lost* (*Trabalhos de Amor Perdidos*).

Em 1597, Shakespeare compra New Place, a segunda maior casa de Stratford-upon-Avon. Supõe-se que seu interesse por sua cidade-natal tenha sido reavivado após a morte de seu filho Hamnet, em 11 de agosto de 1596, com onze anos, que o teria influenciado enormemente. Não apenas suas principais tragédias foram escritas depois disso como a principal delas, *Hamlet* (1603), parece ligar-se totalmente ao fato.

Shakespeare é o único dramaturgo conhecido de sua época que, além de atuar, escrever e participar dos lucros, era também mantenedor do teatro da companhia. Em 1598, ano em que era reconhecido como mais importante dramaturgo da língua inglesa, a Lord Chamberlain's Men construía sua própria casa de espetáculos, o Globe Theatre. Em 1608, após o rei James contratar permanentemente a companhia, que passa a ser conhecida como King's Men, compram também o teatro Blackfriars. Shakespeare prospera financeiramente e encena as peças *All's Well That Ends Well* (*Bem está o que bem acaba*), *Measure for Measure* (*Medida por Medida*), *Hamlet*, *Othello* (*Otelo*), *Macbeth*, *King Lear* (*Rei Lear*), *Anthony and Cleopatra* (*Antônio e Cleópatra*) e *Coriolanus* (*Coriolano*).

Nessa época, os teatros são novamente fechados por causa da peste e Shakespeare, parece aposentar-se dos palcos. Em 1610, retorna para Stratford-upon-Avon, e escreve *Cymbeline* (*Cimbelina*), *The Winter's Tale* (*Conto de Inverno*) e *The Tempest* (*A Tempestade*).

Shakespeare morreu em [23 de abril](#) de [1616](#), aos 52 anos, de causa não identificada pelos historiadores. Sua lista de descendentes diretos acaba cerca de 54 anos depois, com a morte de sua neta Elizabeth, em 1670.

Michel de Montaigne nasceu em 28 de janeiro de 1533, no Castelo de Montaigne, a leste de Bordeaux. Aos seis anos, passou a frequentar o colégio de Guyenne, onde permaneceu apenas até os treze anos, pois a cuidadosa educação clássica que recebera em casa, onde falava apenas latim, permitiu pular os anos iniciais do curso. De 1546 a 1550, estuda Direito na Universidade de Toulouse e, aos 21 anos, recebe um cargo de conselheiro na recém-criada Corte dos Impostos de Périgueux. Três anos depois, torna-se conselheiro do Parlamento de Bordeaux, cargo que exerceia por 13 anos e no qual conheceria o amigo cujo nome é inseparável do seu, o também conselheiro do Parlamento Etiénne de La Boétie. Em 1565, aos 32 anos, desposa Françoise de la Chassaigne, filha de um conselheiro e neta de um presidente do mesmo Parlamento, com quem teve seis filhos.

Em 1570, Montaigne vende seu cargo de conselheiro no Parlamento e vai para Paris publicar os opúsculos de La Boétie, que morreria sete anos antes. Ao voltar de Paris, manda pintar a primeira das famosas inscrições nas vigas do teto de sua biblioteca, na qual declara

sua intenção de isolar-se para se dedicar “a sua liberdade, a sua tranquilidade e a seu lazer”<sup>1</sup>. Montaigne decide buscar a si mesmo e encontrar-se para se mostrar em seus *Ensaios*, cujos dois primeiros volumes seriam publicados nove anos depois.

Em 1581, é eleito prefeito de Bordeaux, cargo que inicialmente pretende recusar, mas acaba cedendo aos apelos do rei. É reeleito por mais dois anos em 1583 e participa das negociações entre Henrique de Navarra e o rei da França.

Em fevereiro de 1588, publica em Paris a quinta edição dos *Ensaios*, abrangendo, pela primeira vez, o terceiro volume e numerosos acréscimos aos dois primeiros. Ainda trabalhava em sua obra máxima quando morreu, em 13 de setembro de 1592.

Montaigne é o primeiro a usar a palavra francesa “essai” (*ensaio*, em português) para designar um gênero literário, gênero este também inaugurado por ele. De acordo com o dicionário Houaiss, a palavra “ensaio” quer dizer “avaliação crítica sobre as propriedades, a qualidade ou a maneira de usar algo”; “ação ou efeito de testar (algo) ou de agir, sem que se tenha certeza do resultado final”. “Ensaio” denota ainda o “ato ou efeito de ensaiar”, e “ensaiar” significa “pôr à prova”, “analisar”, “repetir, estudar”, “aprimorar-se”, e é exatamente isso que Montaigne faz em seus ensaios: na busca por seu aprimoramento pessoal, ele lança mão de uma prosa livre de formalidades, com a qual passeia pela memória de suas leituras clássicas e pelo senso comum, norteado ora por seu conhecimento, ora por sua intuição, e discorre sobre variados temas de suas experiências e reflexões pessoais. Montaigne previne seus leitores logo no prefácio: “sou eu mesmo a matéria de meu livro” – só que não se trata de um *eu* narcisista, mas de um *eu* em quem o leitor se reconhece, pois ao ocupar-se de seu próprio íntimo Montaigne, na verdade, analisava o ser humano.

Seu discurso livre, na realidade, oculta teses e antíteses cuidadosamente estruturadas, com que ele conduz seus leitores a uma compreensão multidimensional da história e da moral. Assim, Montaigne não pode ser encarado apenas como escritor, mas também como um filósofo de pensamento inovador: ele introduz o ceticismo<sup>2</sup> e o estoicismo<sup>3</sup> numa sociedade onde as últimas descobertas da ciência punham em cheque a confiabilidade da Igreja para os assuntos não-espirituais.

Descobertas como a de Nicolau Copérnico, de que a Terra não era o centro do universo, inspiraram Montaigne a confrontar aspectos fundamentais do pensamento ocidental, entre os quais a crença na superioridade do homem em relação aos animais, denunciando a pequenez de seu papel na natureza e a fragilidade de sua condição humana.

<sup>1</sup> Inscrição em latim, pintada em uma das vigas da Biblioteca de Montaigne em 28 de fevereiro de 1571: “An. Christi 1571 aet. 38, pridie cal. mart., die suo natali, Mich. Montanus, servitii aulici et munerum publicorum jamdudum pertaesus, dum se integer in doctarum virginum recessit sinus, ubi quietus et omnium securus quantillum in tandem superabit decursi multa jam plus parte spatii, si modo fata sinunt, exigat; istas sedes et dulces latebras, avitasque, libertati suae, tranquillitatique, et otio consecravit.”

<sup>2</sup> De acordo com o dicionário Houaiss, “doutrina segundo a qual o espírito humano não pode atingir nenhuma certeza a respeito da verdade, o que resulta em um procedimento intelectual de dúvida permanente e na abdicação, por inata incapacidade, de uma compreensão metafísica, religiosa ou absoluta do real”.

<sup>3</sup> Doutrina que considera o mundo um organismo avivado por uma “alma” conhecida por princípio vital. O homem teria um aprimoramento dessa alma: o princípio racional. Os estoicos consideram a imperturbabilidade o estado em que o homem não é afetado pelos males, sendo, portanto, o sinal máximo de sabedoria e felicidade. Um dos grandes representantes dessa corrente foi Sêneca, leitura recorrente de Montaigne.

Montaigne também substitui o conceito de filosofia enquanto ciência teórica pelo da prática do julgamento livre. Apesar de ter internalizado grande volume de leituras clássicas, como Sêneca, Plutarco, Ovídio, Cícero, Aristóteles, Catulo, Heródoto e vários outros, nosso ensaísta utiliza-se deles apenas para embasar seu próprio julgamento sobre assuntos como amor, amizade, política, educação e religião.

Com seus ensaios, Montaigne é ainda considerado criador do *relativismo cultural*<sup>4</sup>, ferindo outro preceito do pensamento ocidental, o da superioridade do colonizador europeu sobre os “bárbaros”, ao alegar a validade de qualquer cultura, tornando seu ensaio *Dos Canibais* um dos grandes textos anti-coloniais da literatura. Nesse ensaio, em que afirma que a cultura de um povo sempre parece, a esse povo, superior à de outros povos, Montaigne relata a conversa que teve com índios brasileiros na corte francesa, da qual conclui que seus modos em nada podem ser chamados de bárbaros, pois em sua naturalidade eles haviam desenvolvido uma sociedade que os europeus puderam, no máximo, idealizar, e com valores morais bem mais elevados que os deles.

O único uso explícito dos *Ensaios* de Montaigne na obra de Shakespeare é a reprodução de um trecho de *Dos Canibais* em *The Tempest*. A influência deste ensaio na obra de Shakespeare, no entanto, talvez não deva ser creditada ao próprio Montaigne, mas a outro importante contemporâneo de ambos os autores. Enquanto alguns críticos têm debatido a questão do colonialismo na peça, outros têm discutido a questão do colonialismo *na tradução de John Florio*.

O italiano John Florio era, naquela época, o mais celebrado e requisitado professor de francês e italiano da Inglaterra, tendo sido tutor do príncipe Henry, filho do rei James I, e amigo da rainha Anne. Há razões vultosas para acreditar que Florio também tenha sido amigo de Shakespeare, dentre elas, o poema de um amigo anônimo inserido em sua coletânea de trechos da literatura clássica italiana *Second Fruits*, cujo autor, dada uma análise dos traços de escrita, provavelmente é Shakespeare.

Outra evidência que parece comprovar a amizade entre os dois escritores é o fato de ambos serem patrocinados pelo mesmo mecenas, Henry Wriothesley, o conde de Southampton, a quem Shakespeare dedicou seus poemas *Venus and Adonis*, de 1593, e *The Rape of Lucrece*, de 1594. Mas a mais relevante evidência é um exemplar da tradução de John Florio dos *Ensaios* de Montaigne, no Museu Britânico, que traz a assinatura de Shakespeare e teria, portanto, pertencido a ele.

A tradução de John Florio, publicada em 1603, foi a primeira tradução dos *Ensaios* para a língua inglesa, e pode ter sido a fonte utilizada por Shakespeare em *The Tempest*. Trata-se de uma versão bastante elogiada por sua vivacidade e por refletir aspectos estilísticos da escrita de Montaigne, mas ainda uma versão: apesar de parecer extremamente fiel ao texto

<sup>4</sup> O relativismo cultural é uma ideologia político-social que nega a universalidade dos valores morais e defende e valoriza a diversidade cultural. De acordo com essa ideologia, os conceitos de bem e mal, certo e errado variam de sociedade para sociedade, dependendo do que nela é aceito ou censurado, ou seja, o que para determinada cultura constitui uma abominação pode ser perfeitamente comum para outra.

original à primeira vista, Florio insere no texto idéias comumente aceitas na Inglaterra elizabetana, mas que não constavam originalmente na escrita de Montaigne. Com esse esforço de Florio para dar ‘cores locais’ aos *Ensaios*, a escrita moderna de Montaigne ironicamente se metamorfoseia em oratória; além disso, palavras simplesmente adicionadas ao texto conferem-lhe novos valores e perspectivas – que devem ser creditados a Florio. Como Shakespeare se utilizou de idéias e até mesmo de palavras do Montaigne traduzido, podemos concluir que incorporou mais da filosofia do próprio Florio do que da genuinamente proposta por Montaigne.

No entanto, como o trabalho do mestre italiano começara anos antes, pelo fim da década de 1590, podemos acreditar que a tradução de Florio pode ter chegado às mãos de Shakespeare antes mesmo de sua publicação, considerando-se a grande possibilidade de ambos não apenas terem sido amigos, mas até mesmo terem morado juntos na casa do conde de Southampton.

Assim, é de nosso interesse buscar identificar se *Hamlet*, a mais importante obra que Shakespeare escreveu naqueles anos, e talvez em toda sua carreira, teria derivado de um aproveitamento superlativo de seu contato com a obra de Montaigne.

Comecemos por considerar a influência filosófica que Shakespeare teria recebido dos *Ensaios*. Shakespeare e Montaigne compartilhavam uma maneira inovadora de reflexão sobre a alma humana, não através dos trabalhos divinos, mas de sua secularização: Hamlet ironiza, na cena II do ato II, “Que obra-prima é o homem! Como é nobre em sua razão! Que capacidade infinita! Como é preciso e bem feito em forma e movimento! Um anjo na ação! Um deus no entendimento, paradigma dos animais, maravilha do mundo. Contudo, pra mim, é apenas quintessência do pó.” Montaigne, em *Apologia de Raymond Sebond*, questiona: “Será possível imaginar algo tão ridículo quanto essa miserável e insignificante criatura que nem sequer é senhora de si, exposta às agressões de todas as coisas, dizer-se senhora e imperatriz do universo, do qual não está em seu poder conhecer a mínima parte, quanto mais comandá-la?”.

Além de controvertida a grandeza do homem, ainda em *Apologia de Raymond Sebond*, Montaigne desacredita-lhe o aspecto divino: “Que ele [o homem] me faça entender, pela força de sua razão, sobre quais alicerces construiu as grandes superioridades que pensa ter sobre as outras criaturas. (...) Tivemos razão de valorizar as forças de nossa imaginação, pois todos nossos bens só existem em sonhos.”, e o insere num ciclo em que nascemos para retornarmos ao pó, conforme este trecho de *Que filosofar é apreder a morrer*: “Vi morrer um homem que, estando nas últimas, queixava-se incessantemente de que seu destino cortava o fio da história que ele tinha nas mãos (...) ‘Sobre este assunto, deixam de acrescentar que o pesar por esses bens não permanece ligado aos teus restos.’ (...) Este sol, esta lua, estas estrelas, esta disposição é a mesma de que vossos antepassados desfrutaram, e que distrairá vossos bisnetos: (...) ‘giramos no mesmo círculo, nunca saímos dele’”. Shakespeare demonstra-nos o mesmo posicionamento através da evolução do pensamento de Hamlet, que, na cena IV do ato IV, inquere “O que é um homem cujo principal uso e melhor aproveitamento do seu tempo é comer e dormir? Apenas um animal. É evidente que esse que nos criou com tanto

entendimento, capazes de olhar para o passado e conceber o futuro, não nos deu essa capacidade e essa razão divina para mofar em nós, sem uso". Contudo, na famosa cena em que Hamlet se depara com a caveira do bobo da corte, Yorick, e põe-se a filosofar sobre a efemeridade do corpo, na cena I do ato V, ocorre-lhe uma nova descoberta: "Alexandre morreu; Alexandre foi enterrado; Alexandre voltou ao pó.". Ora, se até Alexandre, o grande, está inserido nesse ciclo, que se dirá do mero homem comum, que de grandeza nada têm além de ilusões! Assim, ambos os autores põem em xeque o propósito do homem no universo e equiparam-no a qualquer outra criatura vivente.

Temos ainda os solilóquios de Hamlet, que, por si sós, encaixam-se no método de investigação utilizado por Montaigne para escrever seus ensaios: sua inusitada subjetividade, geralmente entendida por seus contemporâneos como estapafúrdia ou inexplicável, é recriada nos apartes do príncipe dinamarquês como um espaço mental onde pode desvincilar-se dos discursos das instituições de poder e refletir sobre seus dilemas. Contudo, para não nos abstermos de citações, relacionaremos os solilóquios – mais precisamente no que se refere a Hamlet enredar-se em suas filosofias – a dois ensaios específicos.

Em *Da experiência*, Montaigne afirma que "[O espírito do homem] pensa observar de longe não sei qual aparência de clareza e de verdade imaginária; mas, enquanto corre para lá, atravessam-lhe o caminho tantas dificuldades, obstáculos e novas buscas que elas o desnorteiam e embriagam", fato que o próprio Hamlet admite ter-lhe acontecido, na cena IV do ato IV: o príncipe vem adiando sua vingança por "indecisão pusilânime, nascida de pensar com excessiva precisão nas consequências – uma meditação que, dividida em quatro, daria apenas uma parte de sabedoria e três de covardia". E essa covardia excessiva rende a Hamlet o mesmo fim do vilão Cláudio, pois, de acordo com que nos conta Montaigne em *Da punição da covardia*, "é correto que se faça grande diferença entre as faltas que provêm de nossa fraqueza e as que provêm de nossa malícia. (...) No entanto, quando houvesse uma ignorância ou covardia tão grosseira e evidente que superasse todas as habituais, seria correto considerá-la como prova de maldade e de malícia, e castigá-la como tal".

Não podemos ignorar, também, aquele que é o ensaio mais comumente associado a *Hamlet*: *Da amizade*, em que Motaigne fala de sua amizade com La Boétie. Nesse ensaio, Montaigne fala da amizade em que "[as almas] se mesclam e se confundem uma na outra, numa fusão tão total que apagam e não mais encontram a costura que as uniu", o que não pode acontecer entre pais e filhos, pois entre esses papéis existe uma hierarquia, nem no amor, que, apesar de também nascer por escolha, é "sujeito a acessos e arrefecimentos". Também não se deve confundir essa amizade com a "amizade" comum que se deve à convivência – e que se desfaz por inconveniências – como a de Rozencrantz e a de Guildestern, que traem Hamlet para servirem à coroa.

Na amizade de que fala Montaigne, nada é de um ou de outro, pois um é como a duplicação do outro, como ele mesmo. E essa é a amizade entre Hamlet e Horácio, a única

pessoa a quem o príncipe confia seu segredo, e de quem recebe confiança, compreensão e apoio em sua causa. E Horácio é o único amigo verdadeiro e leal que Hamlet encontra, apesar de nenhuma glória advir disso.

Quando até mesmo os coveiros já estão convencidos da loucura do príncipe, Horácio é o único que pode atestar sua sanidade. Quando Hamlet conta todos seus planos a Horácio, não está arriscando o sigilo dos mesmos: de acordo com Montaigne, “o segredo que jurei a desvendar a nenhum outro, posso sem perjúrio transmitir a quem não é outro: é eu mesmo. Duplicar-se é um milagre muito grande; e os que falam em triplicar-se não lhe conhecem a grandeza”. Assim, apesar do desejo de Laertes por vingar seu pai morto, e de Hamlet reconhecer nele um jovem honrado e do respeito que tem pelo mesmo, não pode revelhar-lhe seu segredo, pois as ações de um jovem tão impetuoso e a de outro tão “indeciso”, nas palavras de Montaigne, se desencontrariam.

Por fim, quando Horácio, devido a seu caráter de “romano antigo”, que Montaigne tanto louva em vários de seus ensaios, quer matar-se para morrer junto com Hamlet, hesitando apenas por causa do pedido do amigo de que conte sua história para que seu nome não seja execrado, não podemos deixar de citar *Da amizade*: “Desde o dia em que o perdi, ‘dia que nunca deixarei de ver como uma dia cruel e nunca deixarei de honrar (...),’ não faço mais que me arrastar languescente; e os próprios prazeres que se me oferecem, em vez de consolar-me, redobram a tristeza de sua perda. Participávamos a meias de tudo; parece-me que lhe estou roubando sua parte, ‘e decidi que já não devia desfrutar prazer algum, já não tendo aquele que compartilhava minha vida’”.

Estas são apenas algumas das constatações da efetividade da influência que os *Ensaios* exerceiram sobre o autor de *Hamlet*, havendo outras mais que das quais pretendemos tratar mais detalhadamente na continuação deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. *Hamlet*. poem unlimited. Nova Iorque: Riverhead Books, 2003.

*Encyclopaedia Britannica* (1902). Disponível em: <<http://www.1902encyclopedia.com/S/SHA/william-shakespeare.html>> Acessado em: 06 dez. 2007.

HENDRICK, Philip. *Montaigne, Florio and Shakespeare: the mediation of colonial discourse*. Disponível em: <<http://www.societefrancaiseshakespeare.org/document.php?id=164>> Acessado em: 06 dez. 2007.

HOLDEN, Anthony. *Shakespeare*. São Paulo: Ediouro, 2003.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KERMODE, Frank. *Shakespeare's Language*. Nova Iorque: Penguin Books, 2001.

LUNA, Sandra. *A tragédia no teatro do tempo: das origens ao drama moderno*. João Pessoa: Idéia, 2008.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Nova Iorque: Barrons, 1986.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM, 2007.